



O DISCURSO PRESBITERIANO: A TEOLOGIA DE PRINCETON E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DOS PASTORES NORDESTINOS

Arival Dias Casimiro

Mestre em Comunicação e Letras, licenciado em pedagogia, cursando o Programa de Doutorado em Língua Portuguesa na PUC-São Paulo, editor responsável da *Revista de Educação Cristã* e do *Jornal Mediador*, pastor da Igreja Presbiteriana de Pinheiros em São Paulo.

RESUMO

O presente trabalho visa detectar qual a matriz teológica que determinou a formação dos ministros brasileiros, particularmente no Nordeste. Fixamo-nos historicamente nas obras do Rev. Boanerges Ribeiro; teologicamente, em obras dos teólogos de Princeton, de propriedade do Seminário Presbiteriano do Norte. Usamos coleções do jornal *Norte Evangélico* (1912-1923), cedidas pelo Rev. Enos Moura, cópia do livro *The Princeton Theology* (1812-1921), fornecida pelo Rev. Boanerges Ribeiro, e informações pessoais do princetoniano Rev. Oton Guanais Dourado, professor do seminário P. do Norte, desde 1946.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso presbiteriano; Teologia de Princeton; Formação de pastores; Calvinismo.

ABSTRACT

This research intends to detect the theological roots that determined Brazilian ministers' education, specially in the Northeast. We established as our historical mark, Rev. Boanerges Ribeiro's works; the writings of Princetonian divines, owned by Seminário Presbiteriano do Norte, were used as theological parameters. The newspaper *Norte Evangélico's* collection (1912-1923), were kindly made accessible by Rev. Emos Moura; a Xerox of *The Princeton Theology* (1812-1921), was made available by Rev. Boanerges Ribeiro. Finally, we had personal information from Rev. Oton Guanais Dourado, Princetonian and teacher at Seminário Presbiteriano do Norte, since 1946.

KEYWORDS

Presbyterian discourse; Princetonian Theology; Ministers' education; Calvinism.

A introdução do Protestantismo no Brasil deu-se, de fato, com as missões denominacionais. Procedentes de igrejas norte-americanas, vieram os congregacionais (1855), os presbiterianos (1859), os metodistas (1867) e os batistas (1881). Todas essas missões eram unânimes quanto aos princípios centrais da Reforma, contudo diferentes na forma de governo e na sistematização doutrinária.

Os presbiterianos, caracterizados pelo governo democrático-representativo e pela teologia calvinista com ênfase na soberania de Deus, foram a primeira denominação protestante a atingir proporções nacionais. Já em 1888 os presbiterianos organizaram o Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, que reunia igrejas do Nordeste, Centro-Leste e Sul do Brasil. Vinte missionários norte-americanos e doze pastores nativos distribuídos em igrejas que se espalhavam do Ceará até o Rio Grande do Sul.

Indiscutivelmente, a formação de pastores nativos foi uma das principais estratégias usadas pelos presbiterianos para promover o seu crescimento. O ato de formar implica possuir um discurso pedagógico: quem, a quem, onde, quando, o que e por que ensinar.

O presente trabalho visa a detectar qual a matriz teológica que determinou a formação dos ministros brasileiros, particularmente no Nordeste. Fixamo-nos historicamente nas obras do Rev. Boanerges Ribeiro; teologicamente, em obras dos teólogos de Princeton, de propriedade do Seminário Presbiteriano do Norte. Usamos coleções do jornal *Norte Evangélico* (1912-1923), cedidas pelo Rev. Enos Moura, cópia do livro *The Princeton Theology* (1812-1921), fornecida pelo Rev. Boanerges Ribeiro, e informações pessoais do princetoniano Rev. Oton Guanais Dourado, professor do Seminário P. do Norte, desde 1946. A todos nossa gratidão.

1. A TEOLOGIA DE PRINCETON

No início do século XIX, pioneiros ocupavam o oeste norte-americano. Presbiterianos e congregacionais desejavam oferecer-lhes a religião evangélica. Porém esbarravam numa dificuldade: nenhuma das duas denominações possuía

recursos, de *per se*, para encetar tamanho empreendimento. A solução foi aprovar um “Plano de União”.

O Plano de União permitia livre eleição de pastores de qualquer das duas denominações por igrejas locais da outra; admitia aos presbitérios, não apenas pastores congregacionais, mas delegados de igrejas locais mistas que não fossem presbíteros ordenados. Também incentivou a fundação de sociedades voluntárias, não jurisdicionadas a qualquer das duas denominações, para promoverem a Educação; as Missões, tanto Nacionais como Estrangeiras; ensinou a criação da Sociedade Bíblica Americana (1816) e organizou programas comuns para as Escolas Dominicais das duas denominações (Ribeiro, 1991, p. 193).

Mas logo surgiu um sério problema doutrinário. O arminianismo, esconso na nomenclatura de teologia da Nova Inglaterra, se infiltrou e se alastrou em concílios e Igrejas Presbiterianas locais. A tese era a mesma: a depravação parcial do homem e seu livre poder decisório para a salvação. Houve, então, uma reação organizada dos calvinistas ortodoxos. Eles criam na depravação total do homem e na sua inabilidade para a salvação. Como resultado, criaram o Seminário de Princeton, em 1812.

Um dos objetivos do Seminário era a formação de ministros que pudessem propagar e defender a fé cristã autêntica, nos moldes da Confissão de Fé de Westminster, dos Catecismos (Maior e Menor) e do Plano de Governo e Disciplina da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América.

A partir de então, passaram a existir duas correntes bem distintas de teologia. A primeira, denominada “Nova Escola”, composta por congregacionalistas e presbiterianos não calvinistas. A segunda, chamada “Velha Escola”, composta por presbiterianos de estirpe escocês-irlandesa (Ribeiro, 1987, p. 185-186), calvinistas ortodoxos.

François Turretini (1623-1687), pastor e teólogo calvinista, foi a matriz teológica de Princeton. A sua obra intitulada *Instituto Theological Elenctias* foi o primeiro livro-texto usado em Princeton, somente substituído em 1870 pela *Teologia Sistemática*, de Charles Hodge (Noll, 1983, p. 27-30).

Em maio de 1812, a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos elegeu Archibald Alexander (1772-1851) o primeiro professor do Seminário de Princeton.

A cerimônia de inauguração foi em 12 de agosto de 1812. Na oportunidade, A. Alexander pregou um belíssimo sermão em João 5.39, intitulado “Examinai as Escrituras” (Noll, 1983, p. 72-91).

Inegavelmente, durante mais de um século (1812-1921), o Seminário de Princeton foi o principal centro de formação, defesa e difusão do calvinismo (velha escola) nas Américas. Archibald Alexander (1772-1851), Charles Hodge (1797-1878), Archibald Alexander Hodge (1823-1886) e Benjamin B. Warfield (1851-1921) foram os mestres formuladores da Velha Teologia de Princeton. As ênfases foram as da tradição reformada:

Deus criou a humanidade boa; na Queda os seres humanos incorreram na ira de Deus e se fizeram culpados; o pecado de Adão é imputado a toda a raça, que merece condenação; o pecador não dará a Deus a honra devida a menos que seja salvo pela soberana graça de Deus; o amor de Deus se exprime no Pacto de Redenção, entre o Pai e o Filho, e no pacto da Graça, entre Deus e seu povo; é o amor de Deus que traz à salvação os eleitos remanescentes da Queda, mas podem unir-se à luta pelo reino de Deus (Noll, 1983, p. 28).

A Teologia de Princeton modelou a dos missionários pioneiros do Presbiterianismo no Brasil. Por intermédio deles, essa mesma teologia modelou os pastores nativos e, conseqüentemente, o presbiterianismo nacional. Vejamos os principais elementos da Teologia de Princeton.

1.1. A ACEITAÇÃO DA INSPIRAÇÃO PLENA DA BÍBLIA E A SUA INFALÍVEL AUTORIDADE

A Teologia se divide em natural e revelada. Os princetonianos consideravam a Bíblia como a fonte da teologia revelada. A Bíblia é a revelação escrita de Deus. Nas palavras de Charles Hodge (1904, vol. I, p. 152):

O Antigo e o Novo Testamento são a Palavra de Deus, escrita sob a inspiração do Espírito Santo. Conseqüentemente, é infalível, livre de todo erro quer de doutrina, ato ou preceito; é a suprema autoridade divina em todos os assuntos de fé e prática. Ela compreende toda a revelação sobrenatural de Deus, o qual designou-a para ser o sistema de fé e prática da Sua Igreja. O seu conteúdo é suficientemente claro para o entendimento das pessoas, que usando os recursos ordinários e a ajuda do Espírito Santo, compreenderão todos os assuntos necessários à fé e à prática, sem a necessidade de qualquer intérprete infalível.

Por inspiração entende-se a influência divina exercida sobre os escritores da Bíblia, preservando-os de erros. Esta se estende de forma plenária e verbal a todas as partes da Bíblia. Difere da revelação. O alvo da revelação é a comunicação do conhecimento, enquanto o da inspiração é assegurar a infalibilidade no ensino. A infalibilidade e a divina autoridade da Bíblia residem no fato de ser ela a Palavra de Deus; e ela é a Palavra de Deus por causa da inspiração do Espírito Santo (Hodge, 1904, vol. I, p. 153-155).

O presbiterianismo no Brasil, inclusive no Nordeste, foi estabelecido sobre dois moldes: o da reforma na religião ambiente, que resulta na adesão de católicos ao protestantismo; e o missionário, que consiste na importação de sistemas teológicos e estruturas de igrejas da Europa e dos Estados Unidos. Em ambos os casos, a Bíblia Sagrada era usada como fundamento e árbitro final. Os missionários e os pregadores nativos distribuía Bibles, explicavam e expunham textos bíblicos e entravam em qualquer polêmica, escrita ou oral, com a condição de que as posições em confronto fossem provadas pela Bíblia (Ribeiro, 1991, p. 197).

A Bibliografia de Princeton tornou-se a Bibliologia do Presbiterianismo brasileiro. O Rev. Jerônimo Gueiros, ministro presbiteriano ordenado em 15 de setembro de 1901, pelo Presbitério de Pernambuco, considerado o “campeão da ortodoxia”, afirma (1951, p. 250-251):

A Bíblia é o conjunto de 66 livros, produto da cultura humana e da inspiração divina. A doutrina da inspiração pressupõe o reconhecimento das seguintes verdades:

1. Existe Deus e é ele uma pessoa onisciente e onipotente, capaz de intervir no curso ordinário da natureza, para os altos fins do seu governo moral entre os homens.
2. O homem é um ser caído e incapaz de, por si mesmo, atingir aquela perfeição para qual o compelem suas tendências superiores, mas capaz de receber uma revelação extraordinária de Deus.
3. São historicamente verdadeiros os livros que formam o cânon das Santas Escrituras.

É importante salientar que o Rev. Jerônimo Gueiros foi professor de Teologia Sistemática no Seminário Presbiteriano do Norte, a partir do ano de 1907. O seu livro-texto foi *Esboços de Teologia*, de A. A. Hodge, traduzido para o português em 1895 por F. J. C. Schneider.

1.2. O MÉTODO INDUTIVO

Há vários métodos pelos quais se pode elaborar um sistema de teologia: especulativo ou dedutivo, místico, indutivo, fenomenológico, existencial etc. Princeton elegeu o indutivo para a sua sistematização teológica. Baseados na “Filosofia Escocesa do Senso Comum”, os princetonianos defenderam a possibilidade de se chegar à verdade por meio da observação empírica e do raciocínio indutivo. Segundo eles, a teologia é uma ciência que coleciona os fatos.

A Bíblia não é um sistema de teologia, como a natureza não é um sistema de química ou de mecânica. Encontramos na natureza os fatos que o cientista químico ou mecânico terá de estudar, para deles concluir as leis que os regem. Também a Bíblia contém as verdades que o teólogo coligirá, autenticará, ordenará e exibirá na relação interna que mantém uns com os outros (Hodge, 1904, p. 61).

Se o método indutivo-empírico é o da ciência natural, logo deverá ser também o da teologia. A Bíblia é para a teologia o que a natureza é para o homem da ciência. Ela contém todos os fatos da teologia. Cabe, então, ao teólogo coletar, juntar e classificar os fatos bíblicos, a fim de elaborar um sistema harmônico e coerente de teologia.

No Brasil, esse método foi bastante utilizado, não para formular teologia nova, mas para elaborar sermões e defender teses polêmicas.

1.3. O ENSINO DA CIÊNCIA SUBORDINADO À TEOLOGIA

Além das questões denominacionais, o protestantismo norte-americano sofria com os ataques do liberalismo. A evolução darwinista, a crítica bíblica européia e o idealismo germânico tentavam desestabilizar a ortodoxia protestante (Cairns, 1984, p. 406-407). Os liberais negavam o sobrenaturalismo dos milagres de Jesus, o pecado original e o sacrifício vicário de Cristo. Horace Bushnell (1802-1876), pastor congregacional, exerceu uma forte influência na educação, por meio de sua obra *Christian Nurture* (1846), em que defendia a idéia de que a criança só poderia crescer na graça num ambiente religioso (Cairns, 1984, p. 407). Também ficou conhecido como o grande defensor da teoria moral da expiação.

Com o apoio dos teólogos “Nova Escola”, cientistas começaram a negar o ensino bíblico em nome de suas descobertas. Em resposta, os teólogos “Velha Escola” defenderam o ensino das ciências naturais como parte integrante da formação pastoral, com objetivos apologéticos. Princeton então, oficialmente, subordinou o estudo das ciências à teologia. A. A. Hodge (1949, p. 17-19) sustenta o ensino das “ciências auxiliares” como um capítulo no estudo da teologia. As “ciências auxiliares” são: História Universal, Arqueologia, Etnologia, Filosofia Comparada, Ciência da Religião Comparada, Filosofia, Estética, Ciências Físicas e Estatística.

É razoável concluir que por essa razão as ciências receberam ênfase na formação dos pastores brasileiros:

Ao iniciar-se nossa Reforma, a Teologia de Princeton trouxe a Bíblia infalível, no quadro de referências empírico-indutivo. Por isso mesmo, as ciências receberam ênfase no preparo dos pastores, e ao abrir-se o Seminário no Rio, com coleções de comentários da Bíblia chegaram instrumentos para o ensino de astronomia e física, ciências entregues a Schneider, juntamente com as matemáticas (Ribeiro, 1991, p. 199).

No Nordeste não foi diferente. O ensino teológico era dado simultaneamente ao das ciências. Os pastores preparados sob a tutoria dos missionários J. R. Smith, G. Henderlite e G. Butler, além das disciplinas Escrituras Sagradas, Teologia, História Eclesiástica e Grego, estudavam Inglês, Latim, Português, Geografia e Geologia. Martinho Oliveira, fundador da Escola Teológica em Garanhuns, ensinava, além da Teologia de Hodge, Inglês, Francês, Latim, Português, Trigonometria, Geologia, Música, Aritmética e Geografia.

1.4. A PREOCUPAÇÃO APOLOGÉTICA

A Teologia de Princeton surgiu como uma reação doutrinária de calvinistas contra arminianos. Velha Escola *versus* Nova Escola. Portanto, é natural que se caracterizasse também como uma apologia doutrinária. Em Princeton, a Apologética sempre foi considerada um departamento ou uma disciplina da Teologia, a qual se responsabilizava em provar a existência de Deus e a possibilidade de Seu conhecimento (Hodge, 1949, p. 17-19).

Benjamin Warfield (1932, p. 13) dividiu a apologética princetoniana em cinco partes:

- 1) *Apologética Filosófica*, responsável em defender a existência de Deus, como ser espiritual, criador, preservador e governador de todas as coisas (Teísmo).
- 2) *Apologética Psicológica*, pronta a defender a natureza religiosa do homem e seu senso religioso. Isso envolve Psicologia, Filosofia, Fenomenologia, Religiões Comparadas e História das Religiões.
- 3) *Apologética do Sobrenatural*, defensora da ação sobrenatural de Deus na História, a Sua maneira de se relacionar, governar e se auto-revelar ao homem.
- 4) *Apologética Histórica*, defensora da origem divina do cristianismo como religião revelada.
- 5) *Apologética Bibliológica*, defensora da Bíblia, sua origem divina (inspiração), sua natureza (revelação escrita) e seus autógrafos.

Ser um apologeta da fé cristã é um dever, segundo Princeton. A formação pastoral é também um preparo para a defe-

sa do ensino bíblico “autêntico”. O Presbiterianismo nacional assimilou bem a apologética. No nordeste, a fé foi defendida de várias formas. Um destaque para a publicação de jornais. É impressionante a quantidade de jornais impressos de 1873 a 1910: *Salvação de Graça*, 1875, Recife; *O Evangelista*, 1885, Maceió; *O Pastor*, 1893, Natal; *Evolucionista*, 1894, Manaus; *O Século*, 1895, Natal; *Norte Evangélico*, 1909, Garanhuns. Todos foram instrumentos de propagação e defesa do Evangelho. Lendo os jornais *Norte Evangélico*, entre 1912-1923, chama-nos a atenção a quantidade de artigos combatendo o catolicismo romano, o espiritismo, o adventismo ou sabatismo e “a heresia pentecostal” recém-chegada dos Estados Unidos¹.

Entre os pastores, o grande destaque foi o pernambucano Jerônimo Gueiros. A Eucaristia, a Pedra Fundamental da Igreja, a Bíblia e a Ciência, Deus revelado, o Espiritismo Analisado, a Heresia Pentecostal e outros, foram alguns trabalhos escritos no campo da controvérsia religiosa.

1.5. RETORNO AO CONFSSIONALISMO REFORMADO

A Teologia de Princeton foi erigida sobre a tradição Reformada. O calvinismo, a Confissão de fé de Westminster e o Dogmatismo europeu do século XVII foram os componentes daquela tradição. O calvinismo ensinado foi segundo os moldes de F. Turretini, que se baseava no Catecismo de Calvino, na Segunda Confissão Helvética (1566) e nos Cânones de Dort (1619) (Noll, 1983, p. 29).

Turretini refutou Armínio quanto ao livre arbítrio; Amyrant, quanto à natureza da expiação; Lutero, quanto aos sacramentos; os católicos romanos e os racionalistas, quanto à autoridade da Bíblia. Forneceu, também, subsídios consideráveis a Charles Hodge para a elaboração de sua *Teologia Sistemática*, principalmente nos assuntos da Trindade, do Pacto, da Obra de Cristo, do Poder do Espírito Santo e da *Ordem de Salvação* (Noll, 1983, p. 29-30).

O estudo dos sistemas doutrinários (socinianismo, arminianismo, calvinismo etc.) e dos Credos e Confissões

Damos especial destaque para os artigos escritos por Antonio Victalino e Sinézio Lyra.

(Nicéia, Calcedônia, Westminster etc.) era introdutório ou, às vezes, simultâneo ao estudo da teologia. A. A. Hodge estabeleceu isso nos seus *Esboços de Teologia*, capítulos 6 e 7.

O retorno ao confessionalismo reformado serviu para reforçar o sentimento denominacional. O presbiterianismo implantado no Brasil a partir de 1859 comprova isso. Os primeiros livros publicados pelos pioneiros, para servir de referência na consolidação do Evangelho no Brasil, atendiam a seu sistema denominacional de doutrina e governo: *História Eclesiástica*, T. Wharey, 1873; *Epítome da Forma de Governo e Disciplina*, 1874; *Confissão de Fé*, 1976; *Esboços de Teologia*, A. A. Hodge, 1895 (Ribeiro, 1987, p. 10). É razoável aceitarmos a tese de que a missão evangélica no Brasil foi uma tentativa de reformar o catolicismo. Entretanto, o modelo alternativo apresentado pelos missionários era um transplante de sua denominação norte-americana.

1.6. A NECESSIDADE DE UMA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

Os princetonianos, que eram considerados pelos opositores como escolásticos e racionalistas, surpreendentemente, defenderam o valor da experiência religiosa. Charles Hodge (1904, p. 16) definiu a experiência religiosa como o ensino interno do Espírito Santo. A verdade teológica é constituída pela afirmação bíblica, que é captada pelo intelecto, e pela certeza interna, que é testemunho do Espírito Santo (Hodge, 1904, p. 16).

Charles Hodge afirma:

Argumentação apenas não produz convicção íntima da verdade moral [...] dependem de nosso sentimento religioso as doutrinas que aceitaremos como verdadeiras [...]. As reais opiniões de um homem são expressões de seu caráter [...]. O sistema arminiano é a expressão natural de sentimentos menos marcados por grande reverência a Deus, opiniões menos humilhantes do homem e, em geral, menor importância e profundidade do caráter religioso (Noll, 1983, p. 108 et seq.).

O presbiterianismo veio para o Brasil sob os moldes de Princeton e pela motivação dos reavivamentos espirituais. Simonton, Blackford, Schneider, Chamberlain, missionários pioneiros, praticamente saíram do reavivamento para a Missão no Brasil. Em nenhum deles observamos o dogma sendo transformado em objeto de fé. Por influência dos reavivamentos, eles criam numa experiência pessoal de conversão. Essa experiência era atribuída à visitação do Espírito sobre o indivíduo, dando-lhe consciência de pecado e necessidade da graça de Deus:

Durante o reavivamento em Princeton senti-me interessado e esforcei-me para aumentar meu interesse no amor do Salvador. Mas logo o sentimento passou e fiquei como antes, ou pior. Agora, quando as reuniões tiveram início e eu vi outros tratando da salvação de sua alma imortal, decidi, confiado nas promessas da Palavra de Deus, fazer um esforço honesto; se fracassar, estou liquidado. Não me sinto desusadamente emocionado, e a prova de que tenho que o Espírito Santo está trabalhando em mim é o fato de que me levou a esta resolução [...]. Esperei quieto durante muito tempo para ser convertido; agora resolvi, na força por Deus prometida, marchar em frente e me esforçar para servi-lo, brilhe ou não a luz em meu caminho; vou confessar diante dos homens meu desejo e resolução de abandonar o mundo e procurar participar no sangue do Salvador [...] (Simonton, 1982, p. 90 ss.).

Talvez encontremos aqui a base para uma prática inovadora instalada na nascente igreja evangélica brasileira: a conversão, o batismo e a pública profissão de fé como pré-requisitos à comunhão da Santa Ceia.

2. A INFLUÊNCIA DA TEOLOGIA DE PRINCETON NA FORMAÇÃO DOS PASTORES NORDESTINOS

Doze anos após a chegada do Rev. A. G. Simonton ao Brasil, o presbiterianismo chegou ao Nordeste. A Bahia teve

precedência, recebendo o primeiro missionário, o Rev. C. J. Scheneider, em 1871. A partir da Bahia, o objetivo seria alcançar o Norte e o restante do Nordeste. Porém o presbiterianismo abriu caminho para o norte de Minas e oeste da Bahia. Somente com a chegada de J. R. Smith a Pernambuco, em 1873, o trabalho ganhou vulto e proliferou pelo Norte e Nordeste, alcançando o seu objetivo inicial.

Os missionários que vieram para cá eram todos da Velha Teologia de Princeton. Na sua maioria, procedentes da Igreja do Sul, Junta de Nashville. A principal estratégia usada pelos pioneiros foi a preparação de ministros nativos. O Rev. Simonton (1982, p. 207-215), pregando sobre “Os meios necessários e próprios para plantar o reino de Jesus Cristo no Brasil” (lido perante o Presbitério no Rio de Janeiro no dia 15 de julho de 1867), afirma:

A vista da extensão do Brasil e das circunstâncias em que a igreja evangélica se acha, como se há de achar ministros em número suficiente para que em toda a parte haja quem reparta o pão da vida eterna? É questão grave e difícil. Para Deus nada é impossível. Ele sempre acha os instrumentos de que carece. Se ele os quer de longe, não lhe faltará meios para trazê-los. Porém a escolha e a vocação de Deus não tornam desnecessários os nossos esforços. Se estes obreiros vêm de países estrangeiros são obrigados a aprender uma nova língua e acostumar-se aos usos d’uma nova terra. Esse fato de per si faz crer que a maior parte dos obreiros no Brasil têm de ser do país [...].

Como escreveu o Rev. Oton G. Dourado (outubro, 1974), diversas etapas do preparo teológico de ministros presbiterianos no norte do Brasil estão bem delineadas historicamente. São quatro etapas: (1) 1873-1899 – preparo teológico por iniciativa dos pioneiros no regime de tutoria; (2) 1899-1919 – preparo teológico na “Escola Teológica” de Garanhuns, PE; (3) 1921-1923 – preparo teológico no “Instituto Ebenézer”, em Recife, PE; (4) 1923 até os nossos dias – preparo teológico no Seminário Presbiteriano do Norte.

Do ponto de vista teológico, a história da formação pastoral presbiteriana está dividida em duas etapas: (1) 1873-1965, período em que predominou claramente a Velha Teolo-

gia de Princeton; (2) 1965 até hoje, com uma linha teológica evangélica evangelical, com destaque para a teologia dogmática de L. Berkhof, professor do Calvin Theological Seminary, EUA.

Dentro do objetivo que propusemos nesta monografia, analisaremos o período em que a teologia de Princeton preponderou, 1873-1965, isto é, dos pioneiros (Smith e Henderlite) até Samuel Falcão. Esclarecemos que o Rev. João Dias de Araújo foi substituto do Rev. Samuel Falcão, fato que de certa forma esclarece em parte a mudança na linha teológica do Seminário do Norte.

2.1. FASE DOS PIONEIROS (1873-1899)

O preparo de ministros nacionais surge, logo de início, por meio da contribuição pessoal dos pioneiros. Procedente de Kentucky, EUA, John Rockwell Smith chegou ao Brasil em 1873. Graduado na Universidade de Virgínia e no Union Theological Seminary de Richmond, era de formação princetoniana Velha Escola. Foi influenciado por Robert L. Dabney, professor de Teologia Sistemática do Union, de 1853 a 1883.

A primeira etapa do seu trabalho no Brasil se deu no Nordeste. Tendo a cidade do Recife como seu quartel general durante dezenove anos (1873-1892), Smith foi o pioneiro do presbiterianismo no Norte e Nordeste. Aqui realizou grandes feitos: (1) organizou as primeiras igrejas: Primeira do Recife (1878) e Goiana (1880); (2) editou o primeiro jornal evangélico e doutrinário, intitulado *Salvação de Graça* (1875); (3) formou, sob o regime de tutoria, os primeiros pastores nordestinos: João Batista de Lima, Belmiro de Araújo Cesar, José Francisco Primênio (ordenados em 1887), W. C. Porter e Juventino Marinho (ordenados em 1889); (4) organizou o Presbitério de Pernambuco (1888), com nove igrejas (Recife, Goiana, João Pessoa, Maceió, Fortaleza, São Luiz, Pão de Açúcar, Mossoró e Monte Alegre), seis ministros (Smith, Wardlaw, Butler, Cesar, Lima e Primênio) e três candidatos ao ministério (Porter, J. Marinho e M. A. Guimarães); (5) organizou a *The North Brazil Presbyterian Mission* (1884), com os

missionários W. C. Porter, Joseph Gausa, De Lacy Wardlaw e George Butler (Cortez, dezembro, 1956, p. 9).

A formação dada por Smith aos primeiros pastores nordestinos foi sob o regime de tutoria. Ele exercia a função de professor-orientador de todas as disciplinas: Bíblia, Vernáculo, Teologia, História Eclesiástica, Inglês e Grego. A duração do curso era de quatro anos. O local das aulas foi a sua própria residência: rua do Imperador, 71, 1.º andar, Recife, PE. A linha teológica do curso era Velha Escola, a mesma que ele havia recebido no Union.

Em depoimento pessoal, um dos seus alunos, Rev. Juventino Marinho (dezembro, 1956), afirma:

Deixei o comércio e fui estudar como candidato ao ministério, no Recife, por conta da Missão, tendo como professor o Dr. J. R. Smith (1886), com quem estudei o grego, teologia e outras matérias durante três anos, de 1886-1888. Ao quarto ano, porém, quando devia terminar o curso teológico, foi-me necessário residir em Fortaleza, Ceará [...]. Como, entretanto, terminar o curso na ausência do professor? A solução deste problema encontrei nos livros a que recorri, autores reconhecidamente ortodoxos: Alexander Smith Paterson, Archibald A. Houdge, Francis L. Patton, R.L. Dabney e T. C. Blake, três destes indicados pelo Dr. Smith [...].

Em 1892, por determinação do Sínodo do Brasil, Smith deixa o Recife para ensinar no Seminário do Sul (Nova Friburgo?). Até 1916, ele lecionou várias disciplinas, com destaque para Teologia Sistemática:

Smith lecionou Teologia Sistemática, além de várias outras disciplinas, fôra (sic) aluno de Dabney, no Union, da Virgínia. Formou a “intelligenzia” presbiteriana brasileira saída do Seminário em São Paulo e em Campinas [...] (Ribeiro, 1991, p. 204).

O livro-texto usado por Smith como professor de Teologia Sistemática foi *Syllabus and Notes of the Course of Systematic and Polemic Theology*, de R. L. Dabney. Essa obra caracteriza-se como um roteiro de leituras e discussões teológicas, que vão

da existência de Deus até o conceito de relação Igreja-Estado. A sua matriz teológica foi a Confissão de Fé de Westminster e a teologia Calvinista de Turrentini. A sua natureza era didática, polêmica e prática. A partir dela se desenvolveu um novo método de estudo, em que o professor orientava e o aluno aprendia:

O sistema consiste na recitação (pelos estudantes) de lições que estudaram nos livros de texto, principalmente a Confissão de Fé e a Teologia Elenctica de Turrentini, de instruções e explicações orais pelo professor, de preparação e leitura de trabalhos escritos pelos alunos sobre tópicos em estudo, e, finalmente, revisão total por sabatinas orais. A intenção é combinar, na medida do possível, a livre assistência do professor com o cultivo da capacidade da memória, comparação, julgamento, raciocínio e expressão do aluno, através de pesquisas feitas pelos mesmos e pela solidificação dos conhecimentos adquiridos, por repetições de seus pontos de vista (Dabney, 1885, notas ao leitor).

Portanto, diante do exposto, é razoável concluirmos que os primeiros pastores formados no nordeste receberam a influência Velha Escola. A razão é óbvia: a reprodução da formação recebida pelos missionários.

2.2. A ESCOLA TEOLÓGICA DE GARANHUNS (1889-1919)

Com a retirada do Dr. Smith para o Seminário do Sul em 1892, entra em cena o Dr. Butler. Após ter fundado a Igreja de Garanhuns (1895), o “apóstolo do sertão” busca uma solução para o problema da preparação dos pastores nordestinos. Ele mesmo e sua esposa, Da. Rena Butler, iniciaram a preparação de dois ministros, Jerônimo Gueiros e João dos Santos, ministrando-lhes aulas de inglês e geografia. Para ampliar esse preparo, convocou de Pão de Açúcar, AL, o Rev. Martinho de Oliveira. Em 1899, Martinho organizou a Escola Teológica, que seria mais tarde o Seminário Presbiteriano. do Norte.

Quem foi Martinho de Oliveira? Foi um pastor, orador, evangelista, professor e empreendedor. Recebeu a sua formação do Rev. George Henderlite, na época, pastor da Igreja em João Pessoa. Foi ordenado ao ministério em 1896, pelo Presbitério de Pernambuco. Antes de ir para Garanhuns, pastoreou a Igreja de Pão de Açúcar, AL.

Que fez Martinho de Oliveira? Fundou a Escola Teológica de Garanhuns. O seu objetivo era estabelecer, no Norte do Brasil, um seminário sobre bases nacionais e que atendesse à realidade da Igreja brasileira (Ferreira, 1960, p. 401 ss.).

A sua teologia era Velha Escola. Entretanto, os pastores eram preparados para atender à realidade brasileira:

É claro que os homens que Martinho prepara não seriam capazes de tomar conta da segunda igreja de Richmond ou da primeira igreja de Nashville, mas é certo que serão pastores de congregações ignorantes e pobres [...]. Além do mais, Martinho os educa em linhas nativas, isto é, não procura fazer deles norte-americanos ou ingleses. O princípio fundamental desta orientação é que o moço, durante seu curso de seminário, não deixa a farinha de mandioca, nem as redes nordestinas. Educados para viver em meio diferente daquele em que eles têm de servir (Ferreira, 1960, p. 404).

Martinho Oliveira morreu em 1903, de forma prematura e inesperada.

Dois dias após a morte de Martinho, George Henderlite pregou na Igreja de Garanhuns:

Morreu Martinho Oliveira e seu corpo está num caixão no cemitério, os princípios que ele representou não morreram. Não morreu o evangelho [...]. Não morreu o seminário. O falecido irmão com grandes sacrifícios lançou os alicerces, e será nosso trabalho erigir o edifício segundo os planos que ele deixou (Martinho b, 29.11.1912).

Em 1903, G. Henderlite deixa a Igreja de João Pessoa e se transfere para Garanhuns, assumindo a direção do seminário. Em 1905 apresentou ao Presbitério de Pernambuco quatro homens para a ordenação: Mota Sobrinho, Antonio Almeida, Benjamin Marinho e outro não identificado.

Dr. George Henderlite era mestre em teologia e exegese bíblica. A missão “The North Brazil Presbyterian Mission”, publicou, em 1954, “Notas sobre as Epístolas de São Paulo aos Romanos e aos Gálatas”, de sua autoria. Nessa obra, observamos claramente que ele era de teologia Velha Escola e defensor do pré-milenismo. Na formação que deu aos alunos do seminário em Garanhuns, o seu testemunho é o seguinte:

A preparação dos estudantes prossegue através do ano. Fizemos o melhor curso possível, dadas as circunstâncias. Todos tiveram de dominar a teologia de Alexandre Hodge. Conhecem quase de cor o livrinho do Dr. Reed – “O Evangelho de Calvino”. Tomando os “Esboços de História da Igreja” como síntese e orientação lá se foram por todo o curso que lhes foi imposto. Ficaram, afinal, com o livro traduzido e cheio de notas. Não deixaram de fazer análise de metade dos livros da Bíblia: Mateus, Atos, Romanos, Gálatas, Hebreus e Apocalipse, reunindo o melhor material de comentários em inglês (Ferreira, 1960, p. 79).

Durante vinte anos, 1899-1919, a Escola Teológica ou o Seminário de Garanhuns foi responsável pela formação dos pastores presbiterianos no Norte e Nordeste do Brasil. Em janeiro de 1919, o Presbitério de Pernambuco autorizou a transferência da Escola Teológica para o Recife. Assim se encerra mais uma etapa da história da formação pastoral.

2.3. INSTITUTO EBENÉZER (1921-1923)

Durante o ano de 1920 a Escola Teológica entrou em recesso. Em 1921, o Rev. Antonio Almeida, recém chegado do Union Theological Seminary de Richmond, Virgínia, fundou em Recife o Instituto Ebenézer, ao qual foi anexada a Escola Teológica. A primeira Igreja do Recife, pastoreada pelo Rev. Antonio Almeida, organizou a *Liga Patrocinadora do Instituto Ebenézer*, com a finalidade de levantar recursos para a manutenção do Instituto Ebenézer (*Norte Evangélico*, 21.01.1921).

O Instituto Ebenézer caracterizou-se por sua natureza interdenominacional. Foram seus professores Dr. George Henderlite, Dr. Antonio Almeida, Rev. James Haldane, pastor congregacional, Rev. Jerônimo Gueiros e Miss Eliza Reed. O corpo discente do Instituto no ano de 1922 contava com 22 alunos: 2 da Igreja Presbiteriana Independente, 5 da Igreja Congregacional e 15 da Igreja Presbiteriana do Brasil (*Norte Evangélico*, 11.05.1922).

Apesar do pouco tempo de vida, o Instituto Ebenézer manteve a linha teológica dos seus idealizadores: Velha Escola. O Rev. Antonio Almeida era um exegeta (Antigo Testamento), teólogo, pastor, escritor e mestre por excelência e vocação. Nas suas obras: *Anotações ao Livro de Gênesis*, *O Livro de Daniel*, *A Doutrina Bíblica do Espírito Santo*, *Anotações ao Livro Levítico* (todas publicadas em português pela Editora Dois Irmãos, Rio de Janeiro), *Manual de Hermêutica Sagrada* e *Curso de Doutrina Bíblica* (publicadas pela Casa Editora Presbiteriana, São Paulo), encontramos a Velha Teologia de Princeton. Nos comentários que faz sobre a Confissão da Fé e os Catecismos Maior e Breve, o Rev. Antonio Almeida (1985, p. 79 et seq.) assume posição pré-milenistas adaptadas de C. I. Scofield:

Sabemos, entretanto, que sua vinda será pré-milenária (*sic*), isto é, precederá o reinado de mil anos de justiça e paz de que nos falam os profetas, tanto do Antigo Testamento como do Novo.

Ele acreditava na restauração da nação de Israel antes do milênio, em dois estágios da Segunda Vinda de Cristo e que a Igreja teve início somente no Pentecostes (Almeida, 1985, p. 116).

De fato a sua escatologia não compromete o restante da sua teologia. Pelo contrário, serve para revelar a influência que o Dr. George Henderlite (pré-milenista) exerceu sobre sua formação teológica.

Em 1923 o Presbitério de Pernambuco extinguiu o Instituto Ebenézer, aprovando o plano do Seminário Evangélico do Norte, em Recife. O curso preparatório seria feito no Colégio 15 de Novembro, que funcionava em Garanhuns desde 1908, mantido pela Missão de Nashville.

2.4. SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO NORTE (1923-1965)

Em 1923 o Rev. Antonio Almeida apresenta um novo plano de organização para o Seminário aos ministros presbiterianos nos limites do sínodo Setentrional. Em fevereiro de 1924, a Assembléia Geral da I.P.B. (Igreja Presbiteriana do Brasil) reconhece o Seminário como instituição da Igreja nacional. O seminário passa a ser chamado de Seminário Evangélico do Norte, dando lugar à cooperação de outras igrejas irmãs, sem contudo depender delas financeiramente. O Seminário ganha também a sua sede própria: uma chácara no Beco da Fábrica, Madalena.

A linha teológica do seminário continua inalterável: Velha Escola. O professor de Teologia continua sendo o Rev. Jerônimo Gueiros, o qual se baseava nos “Esboços de Teologia” de A. A. Hodge. Em 1923 ele se afasta do Seminário por questões de saúde. O Rev. Samuel de Vasconcelos Falcão assume o seu lugar.

O Rev. Samuel Falcão iniciou o seu estudo teológico em 1922, no Instituto Ebenézer. Aprendeu aos pés dos Revs. Antonio de Almeida, George Henderlite, Jerônimo Gueiros e Roberto Smith (filho do pioneiro). Concluiu o curso no Seminário do Norte no ano de 1925, sendo ordenado pelo Presbitério de Pernambuco em 1927. Ensinou no Seminário de 1932 até 1965, ano da sua morte. Durante os anos de 1946 e 1947 estudou no Union Theological Seminary, Richmond, Virgínia, onde obteve o grau de Mestre em Teologia. A sua tese de mestrado foi “Predestinação”, obra prima escrita em inglês, que se acha traduzida para o português – editada pela Casa Editora Presbiteriana. Das diversas obras que traduziu, uma merece destaque: *Esboço de Teologia Sistemática*, de David S. Clark. Vejamos a apresentação feita pelo Rev. Samuel Falcão:

Desde quando começamos a ensinar Teologia Sistemática no Seminário Presbiteriano do Norte (1932), sentimos a urgente necessidade de uma obra em português que servisse de base para o ensino desta importante matéria aos nossos estudantes.

Afinal chegou-nos às mãos a obra de David S. Clark, intitulada “Syllabus of Systematic Theology”, e tendo-a examinado atentamente traduzimo-la para o português, Clark é ortodoxo, cem por cento calvinista, claro na exposição e às vezes realmente magistral, como, por exemplo, quando trata de Evolução, Milagres, etc. Desde a publicação dos *Esboços de Teologia* de A. A. Hodge, em 1895, cremos ser a obra de Clark a primeira teologia de cunho calvinista e presbiteriano que vem a lume em nossa língua. Cremos ser isto razão suficiente para publicá-la (Clark, 1988, p. 11-12).

Clark dedicou a sua obra para os seus professores de teologia sistemática: A. A. Hodge, Francis L. Patton e John Cairus, todos Velha Escola.

O conteúdo do “Compêndio de Teologia Sistemática” (título em português), de David S. Clark, está dividido em cinco partes: Bibliografia, Teologia (propriamente dita), Antropologia, Soteriologia e Escatologia. A sua fonte é a Bíblia Sagrada, inspirada e infalível; o seu método é o indutivo, que consiste na coleção e classificação de fatos extraídos das Escrituras; a sua linha teológica é, indubitavelmente, Velha Escola.

Portanto, é necessário concluir dizendo que os pastores formados pelo Seminário Presbiteriano do Norte, de 1923-1965, foram moldados de acordo com a velha Teologia de Princeton.

CONCLUSÃO

A matriz teológica que formou os pastores nordestinos foi a Velha Teologia de Princeton. Desde o trabalho dos pioneiros em 1873 até a morte do Rev. Samuel Falcão em 1965, preponderou a teologia “Velha Escola”. Os missionários da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos foram os responsáveis em trazê-la para o Nordeste do Brasil. A sua difusão e manutenção foram feitas, principalmente, por meio de uma instituição educacional – Escola Teológica de Garanhuns, Instituto Ebenézer e Seminário Presbiteriano do Norte. Os alunos que se destacavam recebiam bolsas para fazer especia-

lização nos Estados Unidos. O Seminário União, em Richmond, Virgínia, era o preferido. Antonio Almeida e Samuel Falcão estudaram lá.

Conforme vimos no capítulo sobre os elementos da Teologia de Princeton, a mesma produziu um protestantismo de natureza conservadora, dogmática, apologética e confessional. Isso fez com que o protestantismo se tornasse uma cultura à parte, dentro da cultura brasileira. O pastor era preparado para manter e difundir a subcultura protestante, que consistia: numa experiência de conversão, numa ética de abstinência (não fuma, não bebe, não joga etc.) e na confissão e defesa de certas doutrinas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Antonio. *Curso de doutrina bíblica*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- AIRNS, Earle. *O cristianismo através dos séculos*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984.
- CLARK, David S. *Compêndio de teologia sistemática*. Trad. de Samuel Falcão. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1988.
- CORTEZ, Natanael. O presbiterianismo no norte. *Norte Evangélico*. Recife, dezembro de 1956.
- DABNEY, R. L. *Syllabus and notes of course of systematic and polemic theology*. 3. ed. Asbury Park: N. J., 1885.
- DOURADO, Oton G. A organização do Seminário Presbiteriano do Norte, *Brasil Presbiteriano*. Outubro, 1974.
- FALCÃO, Samuel. *Predestinação*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.
- FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, 2 volumes.
- GUEIROS, Jerônimo. *Projeções de minha vida*. Recife, 1951.
- HODGE, A. A. *Outlines of theology*. Grand Rapids: WMB. Eerdman B. Company, 1949.
- HODGE, Charles. *Systematic theology*. New York: Scribner's & Sons, 1904, 3 volumes.

- MARINHO, Juventino. O seminário do norte, *Norte Evangélico*. 29 de novembro de 1912.
- MARINHO, Juventino. 67 anos de ministério, *Norte Evangélico*. Dezembro de 1956.
- NOLL, Mark A. *The Princeton theology – 1812-1921*. G. Rapids: B. Book House, 1983.
- MISSÃO PRESBITERIANA DO NORTE. *Norte Evangélico*, 21.01.1921 e 11.05.1922.
- RIBEIRO, Boanerges. *A Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)*. São Paulo: O Semeador, 1991.
- _____. *A Igreja Presbiteriana do Brasil, da Autonomia ao Cisma*. São Paulo: O Semeador, 1987.
- SIMONTON, A. G. *Diário*, 1852-1867. Trad. D. R. de Moraes Barros. São Paulo: C.E.P. e Semeador, 1982.
- WARFIELD, Benjamim. *Studies in theology*. Oxford Press, 1932.